

CÍRCULO DE CULTURA: EL PAPEL DE LA PRODUCCIÓN DE
CONOCIMIENTO EN LA TRANSFORMACIÓN SOCIAL

**Nísia Floresta: a via do conhecimento como resistência e
transformação social**

1. O devir

O objetivo deste trabalho é apresentar a vida e a obra de uma mulher que lutou pela emancipação feminina pela via do conhecimento e contra as injustiças a que estavam submetidos os escravos e os índios no século XIX.

Resgatar a memória de Nísia Floresta Brasileira Augusta, ou simplesmente Nísia Floresta, e divulgá-la é uma tarefa política, pois tira do esquecimento uma pensadora que procurou intervir em sua época.

Identidade caleidoscópica construída ao longo de 75 anos de existência como educadora, escritora, poetisa, tradutora, jornalista e também no seu papel de mãe, filha e esposa.

Uma mulher capaz de desmembrar-se em tantos quantos foram seus pseudônimos, não apenas como nomes simbólicos, mas como nomes que representavam, denunciavam e lutavam pela situação da mulher, pela libertação dos escravos e, principalmente, pela educação à época do império e depois dele.

Educada e de grande erudição, sua vida e obra se entrelaçam, captando os debates tecidos em seu tempo e mostrando sua capacidade de articular e estabelecer diálogos entre as idéias européias e o contexto brasileiro.

O seu deslocamento por uma pluralidade de lugares ajudou a edificar uma personalidade aberta e arrojada que não se enraizou na estabilidade e rompeu com os limites do lugar social da mulher do século XIX. Ultrapassou o anonimato, desenvolveu

uma ampla cultura expondo suas idéias em jornais e clamando por respeito às mulheres.

Expressou sua forma de pensar e sua experiência numa obra significativa traduzida e publicada em diversas línguas. Movimentava o seu nome e os pseudônimos, revelando não só uma realidade individual, mas outros eus contidos na sua formação que compreendia uma complexa trama de relações sociais, familiares, históricas e afetivas.

Nísia Floresta caminha a contrapelo ao dar a palavra aos vencidos e ao reivindicar um lugar diferente à mulher. Suas palavras e idéias ecoam num contexto de reclusão feminina onde a casa era o espaço de vivência e convivência. A janela abria uma perspectiva de mundo exterior desde que usada numa proporção discreta, evitando uma maior exposição.

2. Os sonhos educacionais

O panorama educacional brasileiro começa a sofrer modificações com a instalação da Corte Real no Brasil.

A análise do processo de formação da cidadania mostra que os novos direitos vinculados às noções modernas de igualdade restringiam-se aos homens, mantendo a relação de dominação dentro da família e perpetuando a hierarquia quanto ao gênero. A educação das meninas sustentava-se na religião e na moral, valorizando o papel e a função de esposa e mãe, firmando a imagem de docilidade, fraqueza, meiguice e, fundamentalmente, de dependência.

Era de acordo geral que o letramento proporcionaria às meninas entretenimento inadequado. Nísia Floresta B. Augusta (1989a, p.51) acreditava, contudo, que a “virtude e a felicidade são tão indispensáveis na vida privada como na pública, e a ciência é um

meio necessário para se alcançar uma e outra”, não sendo, apenas, a costura e os trabalhos domésticos as únicas ocupações a que a mulher deveria se dedicar.

Para Nísia a sustentação de tais práticas tinha o aval de educadores do cunho de Rousseau e Gregory, que aconselhavam às mulheres o gosto pelo adorno e o embelezamento do corpo para obterem a subjugação masculina. “Todos os que têm escrito sobre a educação da mulher, pregando tão errôneas doutrinas e considerando-a debaixo do ponto de vista puramente material, não têm feito mais do que tirar-lhe toda a dignidade de sua natureza” (AUGUSTA, 1989b, p.61). A mulher que seguia tais preconizações, ou tinha apenas essa possibilidade, também era veementemente criticada pela autora que as considerava mais entregues ao império dos sentidos do que ao da razão. Argumenta, ainda, que o fato da mulher apresentar um corpo menos robusto que o homem necessitava mais do intelecto para o preenchimento de suas funções maternas e matrimoniais.

Nísia Floresta tinha uma meta: formar e modificar consciências (DUARTE, 1991). Os conteúdos de seus livros buscam a alteração do quadro ideológico social vigente ao denunciarem o quadro da educação nacional, ao mesmo tempo em que sedimentava e solidificava sua práxis educativa.

O Colégio Augusto inovava ao introduzir o estudo de línguas vivas - francês, inglês, italiano-, geografia e história. Incentivava ainda, e surpreendentemente, a prática de Educação Física, condenando o uso do espartilho. Até então, na grande maioria das escolas femininas predominava a "educação da agulha" voltada para o ensino de prendas domésticas, noções rudimentares de matemática e o ensino superficial do português. A limitação do número de alunas por turma como forma de garantir a qualidade do ensino o distinguia das demais instituições. Nota-se nesse item a

preocupação e a visão precursora da educadora que transcende as indicações da época e a projeta no futuro.

Em *Opúsculo Humanitário* é possível a identificação da tese nisiana sobre o condicionamento do progresso social fincado na educação, e em especial, na educação da mulher. Esse trabalho se detém, primeiramente, no lugar feminino ocupado na história da civilização para depois analisar e discutir a educação brasileira, em especial a educação dirigidas às meninas, já que lhes estava vetado o ensino na adolescência.

O *Opúsculo*, além de revelar uma mulher interessante e avançada, expõe as influências às quais sua autora estava submetida. O pensamento liberal progressista e o pensamento positivista que norteavam sua orientação quanto à qualidade do ensino, a igualdade de gênero, o número de escolas, o acesso ao ensino secundário pelas meninas e as idéias higienistas se contrapõem a um exacerbado moralismo religioso, que impregnaram muitas das suas orientações e propostas educacionais.

Os trabalhos da autora, independentemente da influência ideológica, problematizam e revelam sua preocupação com o desenvolvimento educacional do brasileiro e com o lugar da mulher no mundo, criando um espaço denunciador impensável à época.

O trabalho, tanto o intelectual como o material, foi destacado, então, como aspecto educativo primordial. Este alerta fundava-se, também, na observação de meninas que, inspiradas mais na futilidade do que nos conhecimentos, apresentavam exacerbada fraqueza de caráter, observada fundamentalmente, quando contrariadas ou desobedecidas, fazendo-as crer pertencer a uma “raça privilegiada, superior a todos os seus semelhantes sujeitos às eventualidades da fortuna” (FLORESTA, 1989b, p.119). A autora indicava a execução de trabalhos que fossem úteis e agradáveis, com a finalidade

de forjar uma mulher virtuosa e sábia, pronta para os compromissos de mãe, de educadora, de esposa e companheira.

Nísia queria a criança como criança. Surpreendia-se ao comparar as meninas européias com as brasileiras; umas “exprimindo com mais ou menos espírito, porém sempre naturalmente, a ingenuidade de sua alma refletida em sua fisionomia infantil”; e outras “pequenas criaturas apertadas nas barbatanas de um espartilho, penteadas e vestidas à guisa de mulher, afetando-lhe os meneios e o tom, destituídas muita vez de toda a simpleza e candura que constituem o maior atrativo da infância” (AUGUSTA, 1989b, p. 105).

Calcada em sua práxis educativa e atenta ao desenvolvimento infantil, a autora apontava para um modo de ser da infância necessário ao pleno crescimento. Insistia nas mudanças da educação brasileira que negligenciava a apreensão suficiente e adequada do conhecimento, embutia uma exposição velada da figura feminina sobe a capa da delicadeza e fragilidade das jovens, e dividia os brasileiros em duas classes distintas: rica e pobre.

Invitava, em suas postulações, que se contemplasse a classe menos favorecida com uma educação melhorada, dada a escassez de seus recursos, “porquanto o seu abandono a expõe aos mais tristes extremos, não possuindo o prestígio de um título nem as galas da riqueza, que disfarçam e fazem mesmo desculpar os vícios abrigados nos salões.” (AUGUSTA, 1989b, p.131). A educação, então, colaboraria com o afastamento da miséria.

Essa análise poderia ser compreendida como expressão da vivência dos períodos de acentuada convulsão social, que a autora experimentou na infância e adolescência, também registrada diante dos indígenas e atribuída aos excessos dos colonizadores. Mas, pode também ser atribuída ao vislumbre de uma visão complexa do mundo.

Nísia Floresta encerra o *Opúsculo Humanitário* incitando: “Educai [para isto] a mulher e com ela marchai avante, na imensa via do progresso, à glória que leva o renome dos povos à mais remota posteridade” (AUGUSTA, 1989b, p.160).

3. Considerações

A vida e obra de Nísia Floresta se entrelaçam como força de conhecimento, dialogando com a objetividade presente em suas proposições e a subjetividade de suas contradições. Suas obras revelam uma mulher erudita, surpreendentemente crítica e paradigmática. Sua erudição a lança no futuro, vislumbrando a emancipação feminina e o afrontamento da hegemonia masculina. Sua verve crítica lhe permitiu analisar o mundo, não como algo dado, mas como um lugar de desvelamentos; analisar a educação brasileira e indignar-se com ela; ver o lugar social ocupado pela mulher e escrever sobre como seria possível transformá-lo. Entretanto, erudição e criticidade não impediram que as contradições de suas postulações se fizessem presentes, fazendo-a transitar entre o conservadorismo e o vanguardismo.

O conservadorismo, fundamentalmente o religioso, lhe impunha, aparentemente, uma destinação feminina pouco distante daquela apregoada e mantida até então: o controle da mulher e o amor que deveria devotar ao marido e aos filhos. Contudo, para ela, a relevância do papel e da função da mulher não se restringia ao cuidado da casa e dos filhos. E aí está o vanguardismo nisiano escancarando o devir. A mulher executa hoje as mesmas atividades que suas antepassadas, mas o acesso à escola, ao conhecimento, ao mundo fora do lar proporcionou sua emancipação. Nísia Floresta insistia nisso, acreditando que a libertação só ocorreria quando o sujeito está livre da subjugação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTA, Nísia F. B. Direito das mulheres e injustiça dos homens. São Paulo, Cortez, 1989a.

_____ Opúsculo Humanitário. São Paulo, Cortez, 1989a.

DUARTE, C. L. Nísia Floresta: vida e obra. São Paulo, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, FFLCH, 1991.